



**Boutique de Barbier (Loja de Barbeiro).
Aquarela, 1821. Jean Baptiste Debret**

Foto cedida e reprodução autorizada por: Museu Castro Maya – IPHAN/MInC (dt. MEA.0146)

Os moradores de cidades portuárias como Rio de Janeiro e Salvador, as mais importantes do Brasil no final do século 18, não contavam com o auxílio de muitos médicos ou cirurgiões. Mesmo nos navios que atracavam na cidade, a ausência de profissionais de saúde era não apenas sentida, mas problemática. E isso era facilmente perceptível no grande número de internações de marinheiros e soldados em trânsito nos hospitais militares e casas de misericórdia.

Na ausência dos médicos, cabia aos práticos e barbeiros cuidar dos doentes a bordo, fazendo uso de todos os medicamentos disponíveis nas chamadas *caixas de botica* das embarcações. Mesmo nos hospitais estabelecidos, os cirurgiões e médicos ressentiam-se de recursos para tratar os pacientes. Até mesmo para os padrões da época, os medicamentos e instrumentais disponíveis eram verdadeiramente precários.

Vale ressaltar que não apenas os recursos eram poucos como os ganhos obtidos com a profissão também. Assim, além do reduzido número de profissionais, muitos acabavam por trocar de povoado em busca de melhores condições e salários.

Os barbeiros, que também disputavam com médicos, cirurgiões e boticários o exercício da função de profissionais da saúde, tinham autorização oficial para realizar algumas práticas médicas, notadamente as intervenções cirúrgicas de pequeno porte, como sangrar, sarjar, aplicar ventosas, tratar ferimentos, além de extrair balas e dentes. Vale o relato do próprio Jean Baptiste Debret, pintor francês que soube retratar de forma tão real e fiel o Brasil do final do século 18: “Os oficiais de barbeiros que atuavam na cidade do Rio de Janeiro eram quase sempre negros ou mulatos. Além de prestarem serviços de barbearia e de pequenas cirurgias propriamente ditas, ocupavam-se também com outras atividades dos mais variados tipos, como o conserto de roupas e o arranjo de pequenas bandas musicais, então muito comuns na corte; quando não atendiam os fregueses nas calçadas das ruas, geralmente suas lojas funcionavam em suas próprias moradias”.

Na aquarela de Debret que ilustra a capa desta edição, intitulada *Loja de Barbeiro*, o pintor faz o retrato fiel de seu relato, com a presença dos negros exercendo a função e, em especial, o letreiro da loja onde se lê “Barbeiro, Cabeleireiro, Sangreiro, Dentista e Leilão e Bixas”.

The residents of port cities such as Rio de Janeiro and Salvador, the most important ones at the end of the 18th century, did not count on the aid of many doctors or surgeons. Even in the ships that arrived in the city, the lack of health professionals was not only felt, but also troublesome, and this was easily noticeable in the big number of sick sailors and soldiers in the military and charitable hospitals.

In the absence of doctors, it fell to practitioners and barbers the care of sick people on board, making use of all the drugs available in the so-called pharmacy boxes of the ships. Even in established hospitals, doctors and surgeons resented the lack of resources to treat patients. Drugs and instruments available were really precarious even to the patterns of the time. It is worth noticing that not only the resources were scarce, but so were the fees obtained. Thus, besides the small number of professionals, many of them moved away in search of better fees.

The barbers, who also disputed with doctors, surgeons and apothecaries the exercise of the function of health professionals, had official permission

to perform some medical practices, mainly surgery interventions of minor scale, such as bleeding, cutting for draining, applying cupping glasses, treating wounds, besides extracting bullets and teeth. Important is the report of Jean Baptiste Debret, the French painter who could very well portray in a real and faithful way the late-18th-century Brazil: “The barbers working in Rio de Janeiro were almost always blacks or mulattos. Besides doing barber services or surgeries, they also took care of other activities of different kinds, such as the mending of clothes and the arrangement of small music bands, very common in the Court then; when practitioners did not attend customers in the sidewalks, they usually installed shops in their own homes.

In the watercolor by Debret, which illustrates the cover of this issue, and is entitled Barber Shop, the artist painted the faithful portrait of his report, with the presence of black people exerting their function and, specially, with the detail of a store inscription, where one can read “Barber, Hairdresser, Bleeder, Dentist, Auctions and Bixas”.